37.011.31
B264c
ed.1
C 92.56 9202

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 00114546
Data 15 / 02 / 2007
( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta

Rosalina de Fátima da Silva Barros

CARREIRA DOCENTE: OS DILEMAS DOS PROFESSORES INICIANTES

Pontes e Lacerda-MT
2006

37.011.31
B277c
Ex.01

Rosalina de Fátima da Silva Barros

CARREIRA DOCENTE: OS DILEMAS DOS PROFESSORES INICIANTES

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profª. Msc Teresa de Pazos da Silva

Pontes e Lacerda-MT
2006

Este trabalho de Conclusão de curso foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

Raquel Alves

Cleunice Maria Andrade

Teresa de Pazos da Silva

Pontes e Lacerda-MT
2006

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar a, Jesus, meu maior amigo e companheiro, também a minha mãe Verônica, meus filhos Thais, Igor, Kátia, a minha neta Katherine que são a razão do meu viver, ao meu marido João que ajudou-me sendo compreensivo nas horas difíceis, quando tanto precisei de apoio, a todos, muito obrigada de todo o meu coração.

AGRADECIMENTOS

Vários foram os amigos que fiz ao longo destes quatro anos e que muito contribuíram para que eu chegasse até aqui. Agradeço a cada um deles. Começamos nossa busca pela máquina capitalista, passamos pelo audaz navegante e chegamos às dificuldades dos professores iniciantes. Cada um que se fez presente nesta longa jornada, com sua pitadinha de saber, contribuiu com o meu conhecimento ao longo do curso. Agradeço a Deus e a cada um dos professores que me auxiliaram na construção do conhecimento.

Um agradecimento especial à minha orientadora Profª. Mestre Teresa de Pazos da Silva que me conduziu pelas veredas do conhecimento científico com muito carinho e paciência. Que Deus a ilumine e abençoe sempre pelo ser humano especial que é. Também à sua filha Poliana que tem me ajudado a construir este trabalho. A ela meu sincero agradecimento.

Quero externar minha gratidão ao Ivan Luiz e sua esposa Rose que foram os responsáveis por meu ingresso na universidade; à professora Iene que tanto colaborou com o meu aprendizado, A Nazário Junior e Gilvânia que se ocuparam comigo durante a realização do trabalho, à Rejane que não poupou sacrifícios para me ajudar nos meus afazeres de modo que sobrasse tempo para os estudos e a todos os professores que me concederam um minuto de seu tempo para os depoimentos. Agradeço também à Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Pontes e Lacerda por me conceder a realização do sonho de fazer um curso superior. Enfim, a todos os meus amigos meu eterno agradecimento.

Falar de carreira docente não é mais do que reconhecer que os professores, do ponto de vista do 'aprender a ensinar', passam por diferentes etapas, as quais representam exigências pessoais, profissionais, organizacionais, contextuais, psicológicas [...] específicas e variadas.

MARCELO GARCIA

RESUMO

Este trabalho é o resultado de um estudo que teve como objetivo compreender as dificuldades encontradas por professores egressos do curso de Letras da Unemat – Pontes e Lacerda, em início de carreira, no exercício de seu ofício. Entre outras coisas investigamos o processo de socialização do professor em início de carreira com outros profissionais com mais tempo de profissão, como se dá o processo de constituição da identidade desse professor e que dificuldades ele encontra no seu fazer pedagógico.

Iniciamos o trabalho apresentando estudos já realizados por autores como Veenman (1988), Cavaco (1991), Huberman (1995) e Guarnieri (1996,2003) entre outros, e que apontam para o chamado "choque de Realidade" que sintetiza as dificuldades destes professores ao se iniciarem na carreira docente. A partir dos pressupostos teóricos anunciados por estes autores, procuramos compreender como o professor inicia seu contato com a profissão a partir dos seguintes pontos: processo de atribuição de aulas, relação teoria-prática, oportunidades de trabalho, identidade docente, relação com outros profissionais e com a comunidade.

Em seguida apresentamos a análise dos dados coletados através de entrevistas com cinco professores de quatro escolas públicas do município de Pontes e Lacerda os quais, têm no máximo cinco anos de exercício docente, procuramos saber sobre as dificuldades que os mesmos encontram para conseguir aulas, relacionarem-se com administradores, professores, alunos e pais de alunos. Procuramos saber também como estes professores realizam seu trabalho em sala de aula e como lidam com a sobrecarga de trabalho.

Por último tecemos considerações finais sobre a socialização dos professores e a constituição de suas identidades. Vimos que inúmeros são os problemas enfrentados pelos professores em início de carreira, mas vimos também a determinação com que se iniciam na profissão.

Palavras-chave

Professor iniciante – Dificuldades – identidade - socialização

SUMÁRIO

Resumo 07
Introdução 09
Capítulo I .....
Os professores e o início da carreira 12
Capítulo II .....
Os professores iniciantes e suas dificuldades.....30
Considerações finais.....39
Referências Bibliográficas 41
Anexos.....43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o resultado de uma investigação sobre questões que dizem respeito à carreira docente. Mais especificamente buscamos compreender as dificuldades enfrentadas por professores egressos do curso de Letras do Campus Universitário de Pontes e Lacerda, em início de carreira, no exercício de sua profissão.

Estas questões surgiram após algumas observações no trabalho de campo do Estágio Curricular Supervisionado e na socialização do mesmo, isto porque percebemos a insegurança do professor que está iniciando na profissão, as dificuldades que ele enfrenta, tais como: forma de distribuição de trabalho, horários, práticas pedagógicas, dificuldade de relacionamento com alunos, pais de alunos, administradores e profissionais com mais tempo de carreira, excesso de responsabilidades no ensino o que resulta em tempo insuficiente na preparação das aulas, dentre outros problemas que nos fizeram refletir sobre as dificuldades que muitos profissionais da educação enfrentam em início de carreira.

Desse modo percebemos que o início das atividades profissionais é, para muitos professores, um período contraditório: por um lado a busca desse indivíduo por um espaço na vida profissional, trazendo com ele os projetos e aspirações idealizadas durante a formação docente, por outro lado o encontro com a crua e dura realidade das contradições do cotidiano escolar. Porém, mesmo assim, constatamos que estes professores lutam para manter o sonho que dá sentido aos seus esforços sabendo que o valor da apropriação dos saberes profissionais também se adquire através da experiência.

Assim, pretendemos, através deste trabalho, demonstrar como o profissional em início de carreira se constitui no espaço escolar, quais as dificuldades que ele enfrenta no relacionamento com outros profissionais com mais tempo de carreira, como acata as maneiras pelas quais ocorre o funcionamento do cotidiano da escola, como ele lida com as hierarquias que se fazem presentes no relacionamento das pessoas em seus diferentes níveis e como se dá a constituição da identidade desse professor em uma sociedade que sofre grandes e rápidas mutações como a nossa.

Para dar conta destas questões realizamos pesquisas de campo com professores de Língua Portuguesa, egressos do curso de Letras, que têm entre um e cinco anos de profissão. Utilizamos como recurso metodológico entrevistas gravadas e, posteriormente, transcritas com cinco professores de quatro escolas públicas do município de Pontes e Lacerda em início de carreira indagando-os sobre sua profissão. Adotamos como quadro teórico de referência para nossa análise e interpretação autores como Cavaco (1991), Veenman (1988), Silva (2000), Gatti (1996), Freitas (2000), Zaidan (2003), Candau (1996), Castro (1995), Guarnieri (2003), Huberman (1995), entre outros.

Para dar conta de nosso propósito partiremos das questões que envolvem o ingresso do profissional da educação no início de sua carreira e as contradições que o mesmo enfrenta e que refletem em seu trabalho. Vários fatores dificultam o ingresso dos professores na profissão, tais fatores vão desde a falta de oportunidade no local onde vivem, fator este que muitas vezes leva-o a se deslocar de uma região para outra, o que pode acarretar tanto benefícios como também infinitos transtornos até a forma de atribuição de aulas que faz com que ele fique com os piores horários e ao mesmo tempo aulas em várias escolas. O relacionamento com os diversos segmentos da escola também pode se constituir em entraves aos professores iniciantes.

O presente trabalho encontra-se organizado em duas partes. No primeiro capítulo, fazemos uma discussão teórica acerca do tema objeto de estudo, com base nos teóricos já mencionados. No segundo capítulo fazemos o estudo dos dados obtidos através de entrevistas gravadas e transcritas. Assim, o foco serão as narrativas desses professores em início de carreira, buscando entender o que pensam ou sentem em relação ao início de suas carreiras, como enfrentam os problemas e as dificuldades do seu trabalho, e que recursos utilizam para criar possibilidades de superarem as dificuldades encontradas.

Nossa intensão com o presente trabalho é poder contribuir com profissionais em início de carreira e até mesmo com aqueles que já estão em pleno exercício da profissão no sentido de ampliar as reflexões de seu modo de ser e sua condição de estar numa dada sociedade e em seu trabalho e, sobretudo, contribuir para a busca de possibilidades de superação das situações problemáticas vividas no cotidiano de

professor, para assim conseguir manter o sonho que dá sentido aos seus esforços profissionais e à sua vida.

CAPÍTULO I

Os professores e o início da carreira

Para discutirmos o início da carreira docente e seus dilemas, partimos do pressuposto de que não nascemos professores, tampouco nos tornamos professores unicamente no interior dos cursos de licenciatura. Entendemos que a apropriação dos saberes profissionais ocorre pela imersão no ambiente familiar e social, pela formação e em grande parte através da experiência.

Para Tardif e Raymod (2000), o início da aprendizagem do trabalho docente passa por uma escolarização mais ou menos longa com a finalidade de fornecer aos estudantes conhecimentos teóricos que é completada com uma formação prática, por meio da realização de atividades de estágio e prática de ensino, ou seja, uma experiência direta do trabalho, de duração variável e graças à qual o aprendiz se familiariza com seu ambiente e assimila, progressivamente, os saberes necessários à realização de suas tarefas. Essas situações de trabalho exigem dos trabalhadores conhecimentos, competências, aptidões, atitudes específicas que podem ser adquiridas e dominadas em contato com essas mesmas situações. Os autores mencionados nos mostram que:

> [...] O trabalho modifica o trabalhador e a sua identidade, modifica também, sempre com o passar do tempo, o seu "saber trabalhar". De fato em toda ocupação, o tempo surge como um fator importante para compreender os saberes dos trabalhadores, na medida em que trabalha remete a aprender a trabalhar, ou seja, a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 209).

Ainda segundo estes autores, na aprendizagem do docente, também ocorre o mesmo. O seu "saber trabalhar" ocorre num sentido amplo, pois passa por um "conjunto de saberes" que se origina de fontes diversas: pela formação inicial e contínua dos professores, pelo currículo, pela socialização escolar, através das relações com outros professores, pelo conhecimento das disciplinas a serem ensinadas, pela cultura pessoal e profissional e etc. Estes saberes fundamentam o ato de ensinar no ambiente escolar.

CAVACO (1991) referindo-se aos saberes profissionais, nos afirma que tais saberes "aprende-se com a prática do trabalho, interagindo com outros, enfrentando

situações, resolvendo problemas, refletindo as dificuldades e os êxitos, avaliando e reajustando as formas de ver e de proceder" (p.162).

No que se refere ao início da profissão docente não é diferente. Para Cavaco (1991) este profissional vai se construindo num processo de socialização centrado na convivência com outros professores e administradores da escola, tanto através da apropriação das competências profissionais, como pela interiorização de normas e valores que regulam as atividades e o desempenho do papel de professor. Contudo, o processo de socialização não ocorre de forma linear. Para muitos profissionais, o início da carreira é difícil e até mesmo contraditório; por um lado a busca desses indivíduos por um espaço na vida profissional, traz com eles projetos e aspirações idealizadas durante a formação docente, por outro lado, o encontro com a crua e dura realidade da vida cotidiana escolar.

Ainda segundo a autora citada, uma das questões que contribuem para as dificuldades do início de carreira do professor é a atribuição de aulas. Falando particularmente do processo de atribuição de aulas no estado de Mato Grosso e mais especificamente no município de Pontes e Lacerda, o mesmo foi regido, no ano letivo de 2006, pelo Edital de Seleção nº. 05CG/05- SEDUC – MT. Os critérios estabelecidos pelo edital para pontuação visando a atribuição de aulas são os seguintes.

I – FORMAÇÃO		PONTUAÇÃO
Pós-graduação	Doutorado	55 (cinqüenta e cinco) pontos
	Mestrado	45 (quarenta e cinco) pontos
	Especialização	35 (trinta e cinco) pontos
Licenciatura	Licenciatura plena	25 (vinte e cinco) pontos

II-Atualização pedagógica realizada nos últimos 03 (três) anos.	Certificado na área de Educação na etapa e/ou modalidade que concorrer referente aos últimos 03 (três) anos. Obtêm-se os pontos através do resultado da somatória dos certificados divididos por 40 (quarenta), com limite de 10 (dez) pontos.	1,0 (um) ponto por cada 40 (quarenta) horas, com limite de 10 (dez) pontos.

II. O tempo de serviço do professor contratado será contado de acordo com a seguinte pontuação:

a) No Magistério Público do Estado de Mato Grosso- 1,0 (um) ponto por ano letivo trabalhado, desde que devidamente comprovado.

III. Quando da apuração final dos pontos, ocorrer empate entre candidatos, para efeito desse desempate, serão observados os seguintes critérios:

a) Maior graduação;

b) Maior tempo de serviço na Rede Pública Estadual;

c) Maior idade;

No que diz respeito à disciplina de Língua Portuguesa, temos um excesso de professores graduados, pois a Unemat, universidade pioneira no município, vem formando professores desde 1992 fator que explica a enorme quantidade de letrados. Além disso, a forma de distribuição de aulas faz com que o professor iniciante fique com os piores horários ou salas que tem vários alunos considerados difíceis e ao mesmo tempo aulas em várias escolas, até mesmo substituições fora da sua área de formação e é isso que temos visto na realidade de Pontes e Lacerda.

Outro problema apontado em nosso município tem sido a falta de oportunidade de trabalho desses profissionais no local onde vivem, fator que muitas vezes leva-os a se deslocar de uma região para outra, o que pode acarretar tanto benefícios como infinitos transtornos. Esse é o caso de alguns professores que têm que se deslocar até escolas de zona rural em dois locais diferentes a vários quilômetros uma da outra sendo que em uma escola leciona no período matutino, na outra no vespertino. Esse profissional tem que acordar de madrugada e só retorna à noite para casa o que ocasiona cansaço físico, mental e até mesmo falta de estímulo para o exercício da profissão.

Tem também o profissional, no caso específico de uma professora que teve que se mudar para uma escola situada na zona rural a mais de 130 quilômetros da cidade para poder dar aula, deixando as filhas adolescentes sozinhas na cidade para estudar. Isso causa inúmeros transtornos para todos os envolvidos. Por um lado a oportunidade de trabalhar, mas por outro a falta de oportunidade no local onde vive. Esse problema como já dissemos, é causado principalmente pelo excesso de profissionais letrados no município.

Uma outra questão que também dificulta a vida do professor iniciante é a falta de confiança dos profissionais com mais tempo de carreira os quais acreditam que o professor iniciante não possui experiência, e por esse motivo não terá domínio de sala ou que está mal preparado, o que pode causar problemas. Para CASTRO (1995) essa falta de apoio leva o profissional em início de carreira a construir uma imagem negativa do seu percurso profissional, resultante de situações de isolamento, da falta de condição de trabalho marcado pelas dificuldades de aptidão pessoal, profissional, pela insegurança, desespero e por certas dificuldades em lidar com situações específicas da prática.

Outro problema dos professores em início de carreira é a questão da relação teoria-prática, mas certamente esta questão não é objeto de preocupação exclusiva dos professores iniciantes. Para CANDAU e LELIS (2002) esta questão não é nova, ela tem estado presente ao longo da história do pensamento humano e afeta todas as áreas do conhecimento, mais diretamente sobre a prática social (medicina, serviço social, direito etc.), sobre as chamadas áreas "aplicadas". As autoras também salientam que esta questão "manifesta os problemas e contradições da sociedade em que vivemos que, como sociedade capitalista, privilegia a separação

trabalho intelectual-trabalho manual e, consequentemente, a separação entre teoria e prática." (CANDAU; LELIS, 2002, p. 57)

É neste sentido que a relação teoria-prática está situada na formação do educador e pode assumir diferentes conotações dependendo das formas como são concebidas. Essa relação pode nos levar a uma "visão dicotômica" que está centrada na separação entre teoria e prática. É muito comum ouvirmos de professores frase como: "Uma coisa é a teoria, outra, a prática". Esta visão, na sua vertente dissociativa; mostra que teoria e prática são dois pólos distintos cada um com sua lógica própria. Aos "teóricos" cabe pensar, planejar, aos práticos cabe fazer, executar. Já na "associativa" ainda segundo as autoras citadas "a teoria e a prática são pólos separados, mas não opostos" (p.60)

A prática deve ser uma aplicação da teoria. Dentro da visão associativa, uma das concepções atuais de grande importância é a "positivo-tecnológica" que tem por "finalidade a previsão científica dos acontecimentos para fornecer à prática um conjunto de regras e normas graças às quais possa dominar, manipular e controlar a realidade natural e social" (idem, p.61)

Embora esta visão se mostre, de certa forma, coerente nas práticas de formação do educador, mostra também, de forma clara, os domínios da apropriação dos que detêm as idéias em relação aos que executam a prática numa sociedade de classes onde há separação de trabalho intelectual e manual.

Já a visão de unidade está fundamentada na vinculação, na união, entre teoria e prática, porém, unidade não significa identidade entre estes dois pólos, esta unidade é assegurada pela relação simultânea e recíproca, de autonomia e de dependência de uma relação com outra. Enfim, estas visões apresentadas expressam as diferentes conotações que podem assumir as práticas de formação dos profissionais da educação e cabe a eles pensarem no seu trabalho educativo como construtores, organizadores e pensadores permanentes deste trabalho. Espera-se que o professor possa ser mediador entre teoria e prática de forma coerente revelando respostas às diferentes necessidades colocadas pela realidade educacional e social, o que implica num processo radical pela melhoria da qualidade do ensino.

Na sua formação acadêmica o docente recebe conhecimentos teóricos que lhe possibilitam analisar o que encontrar no contexto escolar e sua situação de sala de aula. Porém, é a experiência em sala de aula que desencadeia o processo de relacionamento dos conhecimentos da formação dos dados da própria prática com os do contexto escolar, de forma que a sala de aula forneça pistas fundamentais para nortear o trabalho do professor, o que lhe permite articular esses conhecimentos com a sua prática.

No entanto essa articulação não ocorre de maneira natural nem espontânea. GUARNIERI (2003) em seus estudos sobre professores iniciantes constatou que "as professoras iniciantes tinham dificuldades para alcançar um nível mais alto de articulação entre teoria e prática" (p.113).

Essa dificuldade de articulação entre teoria e prática pode limitar a atuação do professor iniciante. A prática, de certo modo, exige dele tomadas de decisões que possibilitem buscar saídas para os problemas, conflitos e dificuldades e as respostas são encontradas, em boa parte, nas teorias.

As dificuldades encontradas no início da profissão docente são denominadas por VEENMAN (1988) como "el SHOCK de la realidad". Este autor chama a atenção para os diferentes fatores que podem contribuir com "o choque de realidade" dos professores em início de carreira. Em seu artigo "El processo de llegar a ser professor: um análisis de la formación inicial", VEENMAN (1988) aponta que este choque pode ser causado por diversos fatores.

O primeiro deles refere-se a uma escolha equivocada de profissão que pode conduzir a desencantos e fracassos. Essa é uma verdade incontestável pois o que temos observado é que há, em nosso município, um grande número de profissionais da educação insatisfeitos com sua formação. A falta de outros cursos para o município é um dos fatores que muitas vezes obriga os egressos do ensino médio a fazer um curso sem que este seja seu anseio profissional. Este é um problema que precisa ser mais bem analisado pelas autoridades competentes visando à busca de solução. Um dos caminhos seria trazer novos cursos para nossa universidade o que dá melhores oportunidades profissionais para os egressos do ensino médio, principalmente se considerarmos que há um grande número de profissionais atuando fora de sua área de formação por falta de oportunidade de emprego na sua área e também por terem feito uma escolha equivocada por falta de opção.

O segundo fator está relacionado a atitudes impróprias e características pessoais inadequadas para lidar com situações específicas da profissão docente, fator este que leva o profissional a ter grandes decepções.

Um terceiro ponto é o treinamento profissional inadequado. Veenman (1988) constatou, em seus estudos, que professores saídos da graduação normalmente se "queixam dos programas de formação de professores que são demasiadamente teóricos e têm pouca relevância para a prática em classe" (p.41). Existem ainda professores, que não estão bem preparados com relação a alguns aspectos das habilidades necessárias para o ensino.

A esse respeito MARIN (1995), em sua pesquisa, nos mostra que muitos professores saem de sua formação, despreparados até mesmo em relação aos aspectos metodológicos de ensino e ainda no que diz respeito aos conteúdos básicos indispensáveis ao exercício docente.

Maévi e Mizukami em seu artigo analisam os processos e, referindo-se aos trabalhos de Guarnieri (1996), descrevem que a autora em suas pesquisas realizadas com professores iniciantes busca identificar elementos que contribuam para a compreensão dos processos de "aprender a ensinar". Segundo ela, durante a formação inicial, é possível constatar as dificuldades das professoras iniciantes em lidar com situações relativas ao ensino na sala de aula. Nos resultados de seus estudos (GUARNIERI, 2000) afirma que os principiantes não sabem selecionar, organizar, priorizar os conteúdos a serem ensinados, escolher procedimentos para transmitir a matéria, selecionar atividades para os alunos, avaliar a classe, cuidar da organização e correção dos cadernos dos alunos, trabalhar com alunos que apresentam dificuldades, usar a lousa corretamente, distribuir durante um dia de aula os diferentes componentes curriculares.

Tais dificuldades indicam que há aspectos do trabalho que parecem ser mais bem percebidos pelos iniciantes, somente a partir da atuação, não sendo focalizados durante a formação inicial. Porém, Marin (1995), ressalta que apesar de esta ser uma dura realidade, os problemas e dificuldades evidenciadas nos cursos de formação de professores não podem ser tomadas como absolutos porque apesar dos problemas, parte dos professores que saem desses cursos consegue realizar um bom trabalho e outra parte desses egressos tem muita dificuldade ao assumir suas classes.

> A ruína das habilidades da família e da própria família, da comunidade e o sentimento de vizinhança de que o desempenho de muitas funções dependia antigamente, deixa um vácuo. À medida que os membros da família, muitos deles agora trabalhando longe do lar, tornam-se cada vez menos aptos a cuidar uns dos outros em caso de necessidade, e à medida que os vínculos da vizinhança, comunidade e amizade são reinterpretados em uma escala mais estreita para excluir responsabilidade onerosa, o cuidado dos seres humanos uns para com os outros tornou-se cada vez mais institucionalizado (BRAVERMAN apud BRINHOSA, 2001, p.48)

Isto significa que sob o impacto do capitalismo desenfreado e os avanços tecnológicos, as relações sociais sofrem a fragmentação que vem transformando a vida de todos os cidadãos. Para explicar melhor esta transformação social, Brinhosa referindo-se aos trabalhos de Braverman, descreve que:

> Se antes visitava-se um amigo e ficava-se hospedado em sua casa, posteriormente passa-se a usar um hotel; os idosos já não são tratados pelos mais jovens, vão para o asilo; os doentes não permanecem mais nas casas, devem ir para os hospitais; os médicos já não visitam os doentes, estes é que vão ao médico em sua clínica; doentes mentais são colocados em manicômio;a escola passa a ser a única responsável pelo ensino; os pais já não têm tempo ou não sabem ensinar (BRINHOSA, 2001, p.48).

Essa transformação no relacionamento dos seres humanos, de certo modo, reflete-se diretamente na educação das crianças e jovens, o que desencadeia a falta de limites, que é uma das principais causas da indisciplina, ampliando, portanto, a tarefa do professor que passa a ter também o papel de educar. Brinhosa (2001) revela que as funções do educador vão além das limitações das estruturas curriculares fechadas, das idealizações, das definições sociais da escola.

A importância do saber popular é incorporada pelo saber pedagógico; do ensino dos conteúdos básicos, vamos na direção da produção de um saber científico que pode ser mudado a qualquer momento. A história mostra que a função da educação está hoje voltada para mudanças de concepções e práticas. Neste contexto estão envolvidos todos os que atuam na educação ou formulam e materializam políticas públicas na perspectiva de uma qualidade de vida social.

O objetivo desta breve síntese das mudanças nas concepções da sociedade, é o de fazer entender as necessidades das mudanças sofridas pela educação frente aos avanços tecnológicos, o que obriga os professores a rever suas próprias posições e as novas mudanças que lhes são requeridas. Segundo Boing (2002) referindo-se a uma palestra de Hargreaves proferida em 11 de outubro de 2001, no

Rio de Janeiro sobre o trabalho dos professores e o ensino na sociedade do conhecimento, termo este que, segundo o autor, foi cunhado por Daniel Bell em 1973, o professor está no centro de um triângulo:

> De um lado, encontramos o ensino para a sociedade do conhecimento, de outro o ensino para além da sociedade do conhecimento e, num terceiro lado, o ensino apesar da sociedade do conhecimento. Ao mesmo tempo em que o professor deve estar preparado para ensinar no novo paradigma, o seu trabalho deve procurar superar o modelo, resistir aos seus abusos e denunciar as suas incoerências, ampliando os horizontes dos estudantes, como sempre foi a função da escola (BIONG, 2002, p.1)

Esse professor hoje, antes de mais nada, precisa ser reconhecido em seu saber, o chamado saber docente, porque é o professor um dos responsáveis a firmar o estudante na vida ética e cultural, ou seja, levar este estudante a refletir, a imaginar e a criar. Portanto, o ensino não deve ser entendido, então, como mera transmissão de conhecimento, mas como uma síntese de saberes que o professor utiliza no seu trabalho profissional. Para Boing (2002) os saberes docentes são uma mistura de saberes da formação profissional inicial, saberes das disciplinas, saberes curriculares e saberes da própria experiência, tanto profissional quanto de vida. Em todos estes saberes podemos perceber uma cultura de aproximação da teoria com a prática que o professor vai aperfeiçoando com o exercício.

O referido autor ainda menciona que as décadas de 1980 e 1990 foram importantes para a área da educação porque proporcionaram uma nova fase de pesquisas em que o professor passou a ser objeto central de vários estudos. A pesquisa de que chamamos "saber docente" passou a se multiplicar e o professor e sua formação ganharam cada vez mais crédito como via de transformação da escola. Uma amostra da importância do saber docente para a pesquisa atual em educação é o esforço da American Educatinal Research Association (AERA) em elaborar seus Handbooks, obras volumosas que tentam reunir as tendências da pesquisa educacional no mundo inteiro, publicadas num intervalo de mais ou menos uma década. Corre a notícia de que o quarto volume que está sendo elaborado terá uma parte inteiramente dedicada à pesquisa do professor.

Nesse sentido, a preocupação norteadora das pesquisas sobre formação e trabalho dos professores tem se ampliado cada vez mais, envolvendo não apenas cursos de formação inicial e questões relativas aos futuros professores, mas engloba também temáticas relacionadas aos professores iniciantes e aos professores em

exercício, que nos diferentes momentos de sua carreira profissional, enfrentam diferentes necessidades, problemas, expectativas, desafios, dilemas e vão construindo seu conhecimento profissional. Os estudos de Zaidan (2003) mostram que a partir dos anos oitenta um conjunto de professores e organizações sociais tais como: Congresso Nacional de Educação – CONED, Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação – CNTE, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, Fóruns nacionais e estaduais, diversos grupos de professores de escola de nível básico e das universidades, têm tomado para si a tarefa de propor mudanças na educação. Esse movimento é em defesa de uma escola pública mais democrática e inclusiva.

A autora mencionada considera que esta é uma "abordagem otimista, contudo, não desconhece e não pode deixar de considerar que a dinâmica em que vive a educação brasileira é muito inovadora, mas também é conflituosa, tensa" (ZAIDAN, 2003, p.143), e, complementa que isso pode ser percebido nas escolas em que está colocada para todos os profissionais da educação a necessidade de efetivar mudanças que chegam em forma de interesses muito diversificados.

Tais mudanças expressam grandes desafios e uma tomada de consciência para todos os envolvidos na escolarização. Nesse sentido, a escola ao construir propostas e projetos pedagógicos que visem a inclusão, deve estar ciente de que isto implica em lidar com as diferenças e desigualdades sociais. E, caberá aos professores relacionar, dialogar e lidar com estas diferenças. Esta é também a proposta de Silva (2005), que propõe que a escola problematize estas diferenças.

Outro fator abordado pela autora supra citada é a ampliação das funções da escola, porque o mundo atual tem exigido cada vez mais a formação global dos sujeitos sociais. A escola passa a ser, conforme nos diz a autora, cada vez mais sinônimo de educação. A ausência dos pais e, em especial da mãe, que antes era encarregada de educar os filhos, trouxe para a escola, além do papel de transmissão de conhecimentos a tarefa de formação mais ampla. A escola assume assim, o lugar da família em funções que antes não eram de sua responsabilidade. Há ainda um trabalho de inclusão a ser feito, pois hoje a quase totalidade dos alunos em idade escolar estão efetivamente estudando e o professor tem que lidar com as diferenças de natureza social, cultural e econômica.

Essa visão a favor da inclusão na escola leva muitos professores, principalmente os iniciantes a questionarem sua formação. Nesse sentido, Zaidan aponta que entre as muitas pesquisas e idéias dos grupos engajados neste movimento duas se destacam: "a educação permanente" e a "pesquisa". Essas questões que a autora coloca precisam ser pensadas e consideradas em benefício da busca efetiva para solucionar as questões pertinentes ao cotidiano escolar e às dificuldades que os professores iniciantes enfrentam, no seu dia a dia.

Questões relevantes que a autora mencionada coloca sobre estes movimentos e que devem ser consideradas na formação inicial, dizem respeito a diversos fatores. Dentre eles a autora destaca: os novos professores não podem ser formados para serem "dadores de aulas" e sim educadores. É necessário preparar o docente para um contato maior com temas e dilemas da vida atual, da infância e juventude referente à ética e à estética. É importante que o professor tenha consciência política de sua condição docente como sujeito que forma e que se forma, que luta por uma profissionalização; que tome conhecimento do que está acontecendo no país e com seus alunos. Dentre outras coisas o professor deve inquietar-se com as seguintes questões:

> Como ele responde ao aluno que está inserido numa sociedade de consumo quando este não tem condições de consumir? Como falar de ética quando o aluno vê o mundo de desvio de verbas públicas e de competitividade? O professor é colocado mais explicitamente no contexto e sua conscientização política faz parte de sua profissionalização (ZAIDAN, 2003, p.148).

Esse estudo chama a atenção para os aspectos que implicam na rediscussão das práticas de formação do educador o que mostra que esse é um assunto muito vasto e que deve ser entendido num sentido mais amplo do movimento da categoria. A escola é o espaço que possibilita o encontro sistemático de seus membros para a discussão e reflexão dos problemas e dificuldades que cada um enfrenta no seu cotidiano, buscando estabelecer uma ponte entre a história de vida do aluno com as experiências acumuladas e os conhecimentos sistematizados que eles precisam dominar. Isso exige que o profissional da educação busque constantemente alternativas para um novo saber fazer.

Acreditamos que estas alternativas trazem em si a possibilidade de muitos profissionais procurarem brechas no sistema construindo saídas para superarem as dificuldades encontradas nas suas carreiras. Dessa forma podemos visualizar

melhor as dificuldades do professor iniciante nos seus primeiros anos de profissão até a fase desestabilização.

Conforme dissemos anteriormente, Huberman (1995) descreve as várias etapas pelas quais passa o profissional da educação em sua carreira. A entrada na carreira, que corresponde aos três primeiros anos na profissão, se caracteriza pelos aspectos de "sobrevivência" e "descoberta", aspectos estes que geralmente andam juntos. A "sobrevivência" é identificada como "choque real" que tem a ver com as complexidades e a distância entre os ideais e a realidade cotidiana de sala de aula. Já o aspecto da "descoberta" para o autor, tem a ver com o entusiasmo inicial, com o orgulho de ter sua própria sala de aula, seus alunos, por fazer parte de um determinado corpo profissional. É este fator que permite ao professor iniciante agüentar o período de sobrevivência. A "fase de estabilização" é descrita como aquela em que o professor passa a confiar mais em si mesmo e nos outros agentes, assim ele interioriza seu papel e passa a dominar os diversos aspectos do trabalho, principalmente seus aspectos pedagógicos, o que desencadeia um melhor equilíbrio profissional, e constitui a partir daí uma identidade profissional mais delineada, sendo reconhecido pelos outros como professor. Esse processo para Huberman (1995) acontece num período entre três e seis anos do exercício profissional.

Referindo-se a essa fase de estabilização Tardif e Raymond (2000) afirmam que "ela não ocorre naturalmente, apenas em função do tempo cronológico decorrido desde o início da carreira, mas em função dos acontecimentos que marcam a trajetória do profissional, incluindo as condições de exercício da profissão". Indicam que o profissional para ter uma estréia e uma estabilização mais fácil, necessita de condições como: conseguir um emprego regular, estável; ter turmas fáceis; apoio da direção; colegas de trabalho "acessíveis" com os quais se pode contar; uma carga de trabalho que não consuma todas as energias do professor etc.

Outros pesquisadores do assunto como Huberman (1995), Tardif; Raimond; Veenman (1988), constatam que os acontecimentos que marcam as fases iniciais da carreira docente adquirem importância fundamental nos processos de aprendizagem profissional. O início na carreira representa segundo eles, uma fase crítica em relação às experiências anteriores e aos ajustes a serem feitos em função da realidade do trabalho e do confronto inicial com a dura e complexa realidade do

exercício da profissão. Em geral é um período dramático marcado pela desilusão e pelo desencanto assinalado pela transição da vida de estudante para a vida do trabalho. Estes primeiros anos são fundamentais para a estruturação das práticas e podem cristalizar rotinas, normas, que acompanham o professor ao longo de sua carreira e que podem variar de docente para docente dependendo do conhecimento e do contexto vivido e interiorizado por eles anteriormente.

Veenman (1988) destaca que os primeiros anos de profissão representam para o professor iniciante um período intenso de aprendizagem, por processos de tentativas e erros, que trazem expectativas e sentimentos fortes e, por vezes contraditórios, que podem determinar a continuidade ou não na profissão, mas também que tipo de professor iniciante irá ser.

Em sua investigação sobre processo de socialização profissional de professor iniciante, Freitas (2000) constata que apesar das dificuldades enfrentadas no início de carreira, os professores tentam de todas as formas permanecer nela e realizar um bom trabalho, mesmo que nem sempre seja bem sucedido. A vontade de acertar e de ser reconhecido, aliada ao gosto de educar crianças e jovens, e o compromisso, estimula os iniciantes a resistir às dificuldades. Isso porque abandonar a profissão, não seria apenas sinônimo de perda de emprego, mas também seria abdicar de seus projetos pessoais e, em conseqüência, a destruição de sua identidade profissional. Uma grande parte dos professores iniciantes desenvolve maior segurança e domínio sobre o seu trabalho cotidiano e sobre a situação que transcorre, enfrenta os acontecimentos que marcam a trajetória nas escolas que atuam e nas classes em que lecionam, passando a sentir-se mais confortável diante das exigências da profissão e da tarefa de ensinar.

Sobre o processo de socialização profissional Freitas (2000) diz que este constitui-se na união de pessoas ligadas por idéias e interesses comuns, através da aprendizagem de valores, crenças e formas de concepção do mundo próprios de uma cultura ocupacional. É um processo que ocorre na articulação entre o agente em socialização e o meio profissional ao qual ele pretende se filiar. Entretanto, é preciso compreender tanto as estratégias e interações dos agentes quanto o espaço em que esse processo ocorre, ou seja, o agente tem que levar em conta que toda instituição possui objetivos específicos, uma lógica particular de funcionamento e estruturação, uma hierarquia interna, espaço de relações objetivas entre posições. É

contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

Essa identidade revela a condição humana por meio de certeza e incertezas. Desse modo podemos pensar que os professores constroem sua identidade no impacto com seu cotidiano nas escolas. Isso porque ao agirem de determinado modo revelam e escondem uma identidade complexa que reproduz os seus conhecimentos, crenças, valores, atitudes que se compõem integrando as vivências nas salas de aula e fora dela.

Ao longo do presente capítulo, procuramos compreender quais as dificuldades que têm sido apontadas por estudiosos em suas pesquisas sobre a etapa inicial da carreira docente.

Para Cavaco (1991), o sistema de atribuições de aulas intensifica as dificuldades do professor iniciante por lhes serem atribuídas salas com alunos considerados difíceis, os piores horários e muitas vezes dispersos somado com turmas e anos heterogêneos, muitas vezes a falta de apoio dos colegas com mais tempo de profissão ou administradores da escola, ausência de oportunidade no local onde vivem, obriga os professores a se deslocarem para as escolas da zona rural.

Veenman, (1988), fala que choque de realidade do professor iniciante, acontece devido a diferenças entre as idéias trazidas pela sua formação e o que acontece nas escolas. Isto pode ser causado por uma escolha equivocada da profissão, treinamento profissional inadequado, atitudes impróprias e características pessoais inadequadas. Afirma ainda que os principais problemas do professor iniciante dizem respeito à disciplina em classe, motivação dos alunos, o tratamento com as diferenças individuais dos alunos, preocupação com o domínio dos conteúdos, falta de material didático adequado, problemas com alunos e pais de alunos, o uso efetivo dos diferentes métodos de ensino, excesso de responsabilidade de ensino que executa, tempo de preparação inadequado das aulas, combinar ensino e gestão de sala de aula devido as mudanças ocorridas na sociedade. Outro problema apontado pelo autor é o esgotamento físico e mental causado pela enorme responsabilidade do ensino e sobrecarga de trabalho. Porém ressalta que os primeiros anos são também um período de intenso aprendizado para o professor.

Já para Guarnieri (2003), Candau e Lelis (2002) um dos sérios problemas do professor iniciante está na questão de relacionar teoria/ prática.

Todas essas dificuldades passam pelo que Huberman (1995) define como "fases na carreira docente". Entre as várias fases que ele descreve, as que interessam para efeito da nossa pesquisa são as duas primeiras: "a entrada na carreira" que completa o período de socialização profissional dos professores e a "fase de estabilização" que é descrita como aquela em que o professor interioriza seu papel de professor e constrói uma identidade profissional.

Os estudos nos mostraram questões relativas aos professores iniciantes em exercício e que, nos diferentes momentos de sua carreira, enfrentam diferentes necessidades, dificuldades, expectativas, desafios, dilemas, que adquirem fundamental importância nos processos de aprendizagem do professor iniciante e que marca sua trajetória profissional.

II CAPÍTULO

Os professores iniciantes e suas dificuldades

Após discutirmos as dificuldades dos professores iniciantes, a partir de estudos já realizados por diferentes autores e realizarmos trabalho de campo para a coleta de dados com professores em início de carreira em escolas públicas do município de Pontes e Lacerda, neste capítulo apresentaremos os dados coletados e faremos a análise dos mesmos para compreender quais são as dificuldades destes professores ao se iniciarem na profissão. Conforme veremos, estas dificuldades são bastante semelhantes àquelas apontadas pelos estudiosos do assunto.

Para a coleta de dados, realizamos entrevistas gravadas e, posteriormente, transcritas. Os dados nos mostram que todos os professores têm menos de cinco anos na profissão sendo que três deles correspondem à fase iniciante, pois estão com menos de três anos de trabalho e os outros dois já estão entrando no que Huberman (1995) define como "fase de estabilização da carreira", pois estão entre quatro e cinco anos de atuação no magistério.

Começamos por questionar os professores com relação às dificuldades que os mesmos encontram para conseguir aulas. Dos cinco entrevistados, quatro afirmaram ter dificuldades sendo que o excesso de professores habilitados em Letras e a pontuação foram os dois fatores mais apontados.

Quanto à pontuação, emergiram o tempo de serviço e os cursinhos como fatores de entraves. Conforme vimos no Edital 05/GS/05/SEDUC – MT, estes dois fatores contam, e de forma significativa, no processo de atribuição de aulas, em especial para o professor iniciante que, no que diz respeito a tempo de serviço se vê em desvantagem em relação aos demais. No que diz respeito ao excesso de professores habilitados em Letras e também à pontuação por ocasião da atribuição de aulas uma das professoras, em seu depoimento, menciona o estado de pânico que toma conta dos professores: "é uma briga de foice, você se sente numa guerra no dia da atribuição de aulas, você sente medo, você sente calafrios, é insegurança total. Ali é a lei do mais forte, quem tem mais ponto ganha" (P4).

Estas dificuldades foram apontadas por Cavaco (1991), em pesquisas realizadas em Portugal, fator que mostra que nossa realidade, conforme dissemos anteriormente, o que não é diferente da realidade de outros lugares.

O relacionamento com administradores não foi apontado como fator relevante nas dificuldades dos professores iniciantes. Apenas uma das entrevistadas afirma ter encontrado barreiras com uma das coordenadoras, o que não representou obstáculo ao trabalho desta professora. Dois dos professores entrevistados, ao contrário, disseram receber apoio da equipe pedagógica e afirmaram ser importante tal apoio para o desenvolvimento suas tarefas.

Ao observarmos o relacionamento dos professores iniciantes entrevistados, com outros professores da escola, procuramos saber se estes professores sofreram algum tipo de constrangimento por parte dos professores com mais tempo de serviço e vimos que dos cinco entrevistados três responderam afirmativamente. O fator mais apontado está relacionado ao fato de serem iniciantes e, portanto, não terem muita experiência em sala. Devido a este fato estes professores não seriam, na concepção de professores mais antigos na profissão, capazes de desenvolver bem suas funções. Há também, segundo os entrevistados, uma intolerância com novas idéias, tanto para o planejamento pedagógico, quanto para com as aulas principalmente no que se refere às aulas de campo. Outro fator que incomoda é o fato dos professores iniciantes não usarem a lousa com freqüência.

> As pessoas têm a idéia de que, por estarem há mais tempo ou terem mais experiência, a experiência do outro que está chegando agora, que é novo, que está cheio de idéias novas, não é interessante.[...] Sair do quadro; parar de trabalhar com giz, passando e falando [...] sair fora da sala, ir para aula de campo é mais complicado. Eles não vêem com bons olhos. (P2).

> Eles acham que por mais que o interino seja graduado, pós-graduado, ele não tem competência, não tem capacidade de exercer a função, te olham com outros olhos, há rejeição até na semana pedagógica. Na hora da gente fazer um planejamento, quem fala são só os efetivos, como se eles fossem donos da palavra. A sua idéia não é aceita (P4).

Esta dificuldade de relacionamento entre os professores novos e os que já estão há mais tempo em prática, é apontada na pesquisa de Veenman (1988) e por Cavaco (1991) o que mostra que a indiferença torna incompreensíveis os diferentes pontos de vista dos professores, pois, dessa forma constitui num mecanismo de isolamento e incompreensão entre os mesmos.

No questionamento a respeito do relacionamento com alunos e pais de alunos, três professores dentre os entrevistados afirmaram ter alguns alunos difíceis o que amplia a tarefa do professor, pois muitos destes já vêm com problemas de casa. Quanto ao relacionamento com pais de alunos, apenas um disse que muitas vezes ao solicitar a presença dos pais, estes não comparecem para resolver os problemas com relação aos filhos. Dois dos professores entrevistados, fala da ampliação do papel do professor anunciada por Zaidam (2003).

> Acho que todo professor encontra uma ou outra dificuldade com aluno geralmente o aluno vem de casa com problema, aí o professor não é só professor, aquele da sala de aula: ele é pai, ele é mãe, ele é enfermeiro, ele é psicólogo, ele é amigo (P 2)
>
> A dificuldade de repente se torna muito comum na educação, ou seja, em sala, até porque surgem casos que necessitamos da presença dos pais e nem sempre somos atendidos (p3).

A pesquisa desenvolvida por Veenman (1998), aponta que entrar em contato com os pais e organizar reuniões é um problema principalmente para os professores principiantes devido à falta de confiança dos pais com respeito à competência desses professores.

Já Brinhosa (2001), referindo-se ao trabalho dos pais fora de casa, diz que as relações se fragmentam e que "a escola passa a ser a única responsável pelo ensino, os pais já não tem tempo ou já não sabem ensinar" (p.48). Nesse sentido, Zaidam (2003), em seus estudos afirma que:

> Escola é cada vez mais sinônimo de educação. Isso significa que além do papel de incorporação e transmissão dos conhecimentos científicos e das habilidades consideradas essenciais pela sociedade, a escola está se colocando a tarefa de formação mais ampla, para a cidadania, do aluno como sujeito social (p.144).

Desse modo, percebemos a difícil tarefa que os docentes têm assumido diante das exigências da escola e também com alunos e pais de alunos no que diz respeito a relacionamento, pois, cabe ao professor, relacionar e dialogar com eles de forma coerente o que amplia seu papel que agora é também o de educador.

O questionamento sobre as dificuldades encontradas pelos professores no seu trabalho na atualidade, permitiu verificar que dentre os entrevistados os pontos mais destacados foram: trabalho difícil, falta de curso para atualização, o despreparo para lidar com a educação inclusiva, dificuldades de lidar com alunos difíceis, a atribuição de muitos papéis para a escola. Segundo um dos professores

entrevistados, o professor tem que se doar muito para obter um bom resultado no trabalho, no entanto a remuneração é pouca. Nas palavras dele:

> Ta complicado porque falta curso, alta preparação, nós estamos aí com uma proposta de educação inclusiva. Até mesmo eu que sou formada em educação inclusiva minha pós-graduação é em educação inclusiva, tenho dificuldades [...] exigem que o professor trabalhe com a criança que tem problema, o deficiente, não só o deficiente, mas o aluno que é um aluno que tem problema em casa, que traz isso para a escola. Nós não temos curso, não temos preparação, não temos aperfeiçoamento, não temos reciclagem, não temos nada. Falta isso nas escolas, falta isso para os professores, falta atualização (p2).

Essas questões colocadas pelos professores sobre como atuarem na atualidade são discutidos por vários autores. Em seus estudos Guarnieri (2003), Marin (1996), Candau (1996), Zaidan (2003) entre outros, põem essas questões em evidência. Zaidam (2003) afirma que:

> Acolher o aluno que chega à escola e construir propostas e projetos nas unidades escolares ou nas redes de escolas, visando a inclusão, implica lidar com a diferença, num quadro de profunda desigualdade social. [...] Nesse novo contexto, fica colocada para os docentes a preocupação ou tarefa de relacionar e dialogar, de lidar com as diferenças. Este também é um fator que impõe profunda rediscussão da formação docente (p. 144).

Isto nos mostra que muitos professores não se sentem preparados frente à escola pública democrática e inclusiva, fator que leva-os a se inquietarem diante das dificuldades encontradas no seu cotidiano escolar. Isto porque este professor iniciante não aprende só intelectualmente, aprende também através de um conjunto de elementos que mobilizam a vida, os quais estão profundamente relacionados.

Quanto ao questionamento sobre as dificuldades encontradas no trabalho de sala de aula, o item de maior relevância foi a insegurança inicial e a dificuldade em adaptar a teoria à prática. Estes dois fatores mostram-se relevantes para o professor iniciante. Podemos dizer que a insegurança emerge de falhas na formação inicial que evidencia mais a teoria do que a prática. Desse modo a formação acadêmica acaba desvinculando-as, acarretando uma constante preocupação do docente em conciliar o que foi aprendido na sua formação com a realidade de sala de aula. Por entender a prática como aplicação da teoria, esta é vista como caminho para guiar a aplicação da prática.

O docente por sua vez, ao tentar relacionar a teoria com a prática, percebe que muitas das teorias aprendidas na universidade, não cabem na realidade do cotidiano escolar tendo que adequá-las à sua prática diária. Essa é a maior

dificuldade do professor iniciante, que, na sua formação, não recebe informações necessárias para fundamentar seu trabalho. Isso pode ser percebido pelo acadêmico no momento em que ele começa a fazer seus estágios curriculares supervisionados e se depara com uma grande distância entre os conhecimentos adquiridos durante o curso e o que este aluno encontra na prática, sendo necessária uma revisão daquilo que lhe foi ensinado.

Outro ponto que foi detectado no questionamento sobre as dificuldades encontradas no trabalho do professor em sala de aula foi a falta de interesse e participação dos alunos nas aulas e a falta de compromisso dos alunos em levar os materiais solicitados pelos professores. Um dos professores entrevistados afirma que:

> O professor prepara com todo carinho do mundo aquele conteúdo para ser transmitido para os alunos, porque não somos educadores de uma forma apenas, nós somos também transmissores de conhecimento. Aquilo que nós preparamos para que seja explanado em sala de aula, dificilmente é feito com 100% de aproveitamento. Tem a minoria que aproveita e a maioria que leva na brincadeira, e isso é muito triste (p.3).

Entendemos que o professor deve ser o mediador no processo de construção do conhecimento pelo aluno, aquele que o faz refletir, imaginar, criar. Para este professor dar conta desse processo ele precisa não só da escuta dos alunos, mas também do diálogo. Quando isso não acontece este professor sente-se frustrado. Uma dos professores entrevistados chamou nossa atenção para a questão de motivar os alunos a lerem livros literários. Segundo este professor: Quando eu pedi pela primeira vez para eles lerem Odisséia, foi um, bimestre difícil. Agora eles não estão tendo mais essa dificuldade. Eles perceberam que precisam disso (P5). Nesse depoimento percebemos que para muitos professores estimular os alunos a adquirir o hábito de ler é um desafio.

Outro ponto abordado pelos professores foi o de ter que trabalhar, muitas vezes, tendo problemas de saúde. Este problema tornou-se um dos principais motivos de licença dos professores nas escolas devido ao sistema de trabalho, às rotinas, os esforços, e esgotamento que contribuem para o comprometimento da saúde. Este problema atinge principalmente professores com mais tempo de carreira dado o desgaste ao longo dos anos e, o que acaba gerando pequenas oportunidades de trabalho aos professores iniciantes. A dificuldade é que mal inicia

o trabalho, termina a licença e o titular retorna e isso impede o iniciante de dar continuidade ao seu trabalho.

Em seguida os entrevistados abordam a dificuldade que encontram diante da impotência dos casos de alunos com histórico de violência no lar o que, na maioria das vezes, interfere na aprendizagem desses alunos. Estes professores não se sentem preparados para compreender e enfrentar o problema que é muito delicado, pois envolve saber lidar com a família desses alunos. Envolve também saber desenvolver estratégias para estimulá-los em seu aprendizado. Esta questão para o professor iniciante é um verdadeiro desafio.

Essas dificuldades que os professores enfrentam em sala de aula convergem com o que Huberman (1995), Cavaco (1991) e Veenman (1988) dizem a respeito do "choque de realidade" entre os ideais trazidos da formação e a dura realidade do cotidiano escolar. Castro (1995), Tardif e Raymond (2000) entre outros, constatam que o início na carreira representa uma fase crítica em relação às experiências anteriores e aos ajustes a serem feitos em função da realidade do trabalho, sendo este um período de intensa aprendizagem.

Cavaco (1991), Guarnieri (2003), Candau e Lelis (2002) falam da relação teoria prática e revelam que esta questão não é preocupação exclusiva dos professores iniciantes, ela tem estado presente ao longo da história do pensamento humano. Para os referidos estudiosos o papel do professor não é o papel de um técnico que aplica em sua prática as teorias transmitidas pelos cursos de formação de professores, mas o de um profissional que adquire e desenvolve conhecimentos a partir da prática e no confronto com as condições da profissão.

No que diz respeito aos recursos utilizados para superar as dificuldades, a questão mais relevante para os professores entrevistados é conversar com os alunos, estimulando-os a estudar, conhecer melhor cada aluno, saber seu real problema e buscar novas formas de trabalhar com eles. Alguns professores também solicitam ajuda dos coordenadores, outros chamam os pais para ajudá-los a amenizar a questão da violência que afeta o aprendizado do aluno conforme já mencionado anteriormente. Em relação a conhecer melhor o aluno e inovar a forma de ensinar, o depoimento de um dos entrevistados chamou nossa atenção:

> Eu procuro primeiramente conhecer o aluno, principalmente aquele aluno que não é nota dez, aquele aluno que os professores rejeitam [...] algum

> problema ele tem. Eu já tive aluno que nunca foi bem em Português, um dia na hora do lanche, colocaram um som e ele começou a dançar e começou a interpretar a música em forma de teatro. Eu peguei esse aluno e comecei a trabalhar gramática dentro do teatro e música. Esse aluno de três, quatro, começou a passar para seis, sete e, no final do ano, a média do quarto bimestre foi oito e meio. Aquilo pra mim foi uma vitória. [...] Isso significa que eu trabalhei uma deficiência que ele tinha, aproveitando o que ele dominava, as inteligências múltiplas que cada um tem. Agora a questão que muitos professores reclamam é a questão da falta de educação que os alunos têm hoje devido a um histórico familiar, social. Eu procuro ser amiga, procuro me aproximar sempre daquele aluno que dá tapa na cabeça de um, que briga com professor, aquele lá tem algum problema e eu enquanto educadora tenho a função de tentar ajudá-lo (P4).

Podemos perceber, através dos depoimentos de alguns dos professores, que essas são algumas das formas que os professores utilizam para superarem as dificuldades encontradas por eles em sala de aula. Essas habilidades envolvem conhecer o aluno e respeitá-lo. Segundo Guarnieri (2003), é muito importante para o professor conhecer seu ofício e, dessa forma, desenvolver canais de comunicação que de fato possam contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e das condições de trabalho.

Para Tardif e Raymond (2000) essas situações de trabalho exigem dos trabalhadores conhecimentos e competências adquiridas e dominadas em contato com essas situações. Cavaco (1991) também afirma que "aprende-se com as práticas do trabalho, interagindo com outros, enfrentando situações, resolvendo problemas, refletindo as dificuldades e os êxitos, avaliando e reajustando as formas de ver e de proceder" (p.162).

Isto mostra que enquanto trabalha, o professor vai adquirindo certo conhecimento para lidar com as situações do seu dia a dia, buscando formas inovadoras de trabalhar e de agir com cada aluno respeitando a heterogeneidade destes alunos.

No que diz respeito ao cansaço e à sobrecarga de trabalho, dos cinco professores entrevistados três apontaram que a profissão é estressante, desgastante e exige muito do professor. Quanto à sobrecarga um dos entrevistados afirmou que por trabalhar na zona rural seu trabalho tornou-se muito cansativo, isto porque dava aulas em duas escolas rurais em regiões diferentes do município em um mesmo dia. O cansaço gerado por esse processo é muito grande principalmente devido ao trajeto, isto sem contar o desgaste físico provocado pela rotina de sala de

aula. Hoje é muito comum encontrarmos professores queixando-se de problemas gerados pela exaustão. Essa sobrecarga é apontada por Veenman (1988) em seus estudos que mostraram que: "Os professores principiantes se sentiam exaustos pela grande responsabilidade do ensino causando diferentes queixas físicas, entre as quais a mais destacada era a quantidade anormal de horas que lhes são requeridas" (p.46 – Tradução Nossa).

O depoimento do professor que mencionamos anteriormente, confirma os estudos de Veenman (1988) que nos mostram que essa não é uma realidade apenas nossa, em outros países também ocorre o mesmo com 90% dos professores segundo a pesquisa do autor citado.

Como vimos, através dos dados aqui apresentados, são inúmeras as dificuldades dos professores iniciantes. Tais dificuldades perpassam a insegurança em conseguir aulas devido ao excesso de letrados; é também gerada pela interinidade causada por falta de concurso no estado. No que diz respeito ao tempo de serviço, o professor iniciante se vê em desvantagem e, muitas vezes, só consegue trabalho na zona rural. Porém um ponto relevante nos depoimentos é o de que aqueles professores com uma prática diferenciada e que desenvolvem um trabalho competente conseguem espaço para lecionar.

Outra dificuldade é a falta de tolerância dos efetivos para com os interinos por considerarem que os professores iniciantes não têm capacidade para exercer a profissão. A dificuldade em lidar com a relação teoria-prática, a falta de interesse dos alunos, a necessidade de lidar com o histórico de violência dos alunos e a dificuldade para estimulá-los à leitura também são fatores apontados pelos professores como obstáculos ao seu trabalho.

O presente estudo permitiu ainda, perceber que a socialização entre os professores no seu cotidiano escolar não ocorre de forma linear, porque para muitos profissionais, o início da carreira é difícil tanto pela necessidade de interiorização de normas quanto pela convivência com os demais segmentos, em especial, com os alunos considerados difíceis.

Quanto à construção da identidade do professor percebemos que ela se constrói a partir das relações que estes professores mantém tanto na individualidade quanto socialmente. Esta identidade é sempre modificada num diálogo contínuo com

o mundo, com as diferentes culturas que este mundo oferece e que são determinantes no modo de ser desse profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de teve como meta investigar algumas dificuldades encontradas pelos professores egressos do curso de Letras da UNEMAT/ Pontes e Lacerda, em início de carreira, com no máximo cinco anos de profissão, no exercício de seu ofício, a partir de dados obtidos em pesquisas realizadas em 2006 em quatro escolas públicas do município.

Diversos estudos, a exemplo dos que apresentamos em nosso quadro teórico, têm apontado que o início da docência é uma das fases do processo de desenvolvimento profissional de grande importância para a constituição da carreira do professor. Para muitos iniciantes na carreira docente, esta é uma etapa difícil por caracterizar a disparidade entre as idéias projetadas durante a formação e a vida cotidiana na sala de aula e na escola. Daí a importância da investigação relativa à etapa de iniciação na carreira docente. O trabalho de campo que realizamos junto aos professores da rede pública estadual do ensino básico de Pontes e Lacerda aponta-nos diversos fatores que se constituem em dificuldades no início de suas carreiras. O que mais se percebe nas constantes reclamações dos professores iniciantes é o sistema de atribuição de aulas que gera insegurança, pelo dilema de conseguir trabalho.

Esse fator contribuiu para intensificar suas dificuldades, pois quando conseguem, são salas com alunos consideradas difíceis, piores horários, problemas de indisciplina, preocupação com o domínio dos conteúdos. Os professores apontam como entraves, a falta de material didático adequado, problemas com alunos e pais de alunos, a ausência de oportunidades de trabalho no local onde vivem e muitas vezes, até mesmo a falta de apoio dos colegas com mais tempo de profissão, entre outros.

Quanto à socialização entre os professores no seu cotidiano escolar, esta não se dá de forma linear, porque para muitos profissionais, o início da sua carreira é difícil, tanto pela interiorização de normas e valores da instituição a qual ele se filia quanto pela convivência com outros agentes socializadores. Há também que se considerar o desafio de lidar com alunos considerados difíceis em seu dia a dia.

A construção da identidade do professor ocorre a partir da relação que este professor mantém tanto no âmbito individual quanto social. A identidade é formada no contato com o mundo e é modificada num diálogo contínuo com as diversas culturas e com as diferentes identidades que esse mundo oferece e que são determinantes no modo de ser desse profissional.

A construção da identidade do professor ocorre a partir da relação que este professor mantém tanto no âmbito individual quanto social. A identidade é formada no contato com o mundo e é modificada num diálogo contínuo com as diversas culturas e com as diferentes identidades que esse mundo oferece e que são determinantes no modo de ser desse profissional.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOING, L. A. **A Profissionalização docente.** Rio de Janeiro: Centro Pedagógico Pedro Amupe, VIII Jornada pedagógica.

BRINHOSA,M. C. A função social e pública da educação na sociedade contemporânea. In: LOMBARDI, J. C. (org.). **Globalização, pós-modernidade e educação:** História, Filosofia e Temas Transversais. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

CANDAU, V. M. Formação continuada de professores: tendências atuais. In: REALLI, A. M. M. R.; MISUKAMI, M .G. (orgs). **Formação de professores:** Tendências atuais. São Carlos: EDUFSCar, 1997.

CANDAU, V. M.; LELIS, I. A. A relação teoria prática na formação do educador. In: CANDAU, V. M. (org.). **Rumo a uma nova Didática.** 14.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p 56 -72.

CAVACO .Maria Helena. Ofício do professor: O tempo e as mudanças. In Nóvoa, A. (org.). **Profissão Professor.** Ponto: Porto editora, 1991 P.162-168

CASTRO, M.A.C. **O professor iniciante:** acertos e desacertos. 1995.P.120 dissertação (mestrado em educação)- Pontifica Universidade Católica de São Paulo 1995.

FREITAS, M.N.C. **O professor iniciante e suas estratégias de socialização.** Rio de Janeiro, 2000, Dissertação de Mestrado. PUC

GATTI, Bernadete Angelina **Os professores e suas identidades:** o desenvolvimento da Heterogeneidade. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.98,P.85-90,ago. 1996

GUARNIERI, Maria Regina. O início na carreira docente: Pistas para o estudo do trabalho do professor. in MARIN, Alda Junqueira (org.). **Situações didáticas** 1ª ed. Araraquara: JM editora, 2003

_____ Tornando-se professor: **O início na carreira docente e a consolidação da profissão.** São Carlos, 1996, (Tese de Doutorado) –UFS Car.

HUBERMAN, M. O Ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, A. (org.). **Vidas de professores.** 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1995 p.31-61

MARIN, Alda Junqueira. Propondo um novo paradigma para formar professores a partir das dificuldades e necessidades Históricas Nessa Área. REALLI, A. M. M. R.; MISUKAMI, M .G. (orgs). **Formação de professores:** Tendências atuais. São Carlos: EDUFSCar, 1997.

MAÉVI, Anabel. E MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Processo de formação de professores iniciantes**. São José do Rio Preto: UNESP, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade de São Carlos. Nº8, 2005.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério Educação e sociedade: **Revista Quadrimestral de Ciência da Educação/** centro de Estudo Educação e Sociedade (CEDES), Campinas, nº 73, P.209- 244, 2000

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença.** A perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2005.

VEENMAN, Simon. El processo de llegar a ser professor: um análisis de la formacion inicial.In: Villa, Aurélio (coord.). **Perspectivas y problemas de la funcion docente**. Madri: Narcea, 1998.

ZAIDAN S. Reformas educacionais e formação de professores no Brasil. In: OLIVEIRA, D. A. (org.). **Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p 143 – 148.

ANEXOS

Entrevista P1

Quanto tempo você tem de carreira?
- Tenho um ano e oito meses, eu atuei como substituta na escola 14 de fevereiro.

Você pegou outras substituições em outras escolas ou não?
- Sim, eu substitui no Dormevil em outra área, substitui a professora de matemática, que ... no nosso caso, é que somos formados em Letras. Então temos dificuldade em encontrar vagas nas escolas devido à grande procura, tem professor sobrando.

Você tem encontrado dificuldades para conseguir aula?
- Sim, devido a nosso caso que já comentei; por ter tido muito tempo, só a faculdade de Letras a nossa cidade tem excesso de formados em letras, e a procura na nossa cidade é mais de professor de matemática, física, química.

Você teve alguma dificuldade inicial de relacionamento com administradores de escolas? Quais?
- Não! No momento que eu fui convidada para substituir, a escola me acolheu muito bem, é uma escola que tem uma inteiração boa entre eles, entre coordenadores, professores, porém quando a coordenadora me convidou, eu fiquei sabendo que a professora não gostou. Porque eu sou...eu não tenho experiência, eu sou recém formada, então ela ficou achando que eu não ia desenvolver bem o trabalho pra sala dela.

Em algum momento se sentiu constrangida de alguma forma por colegas com mais tempo de profissão?
- Eu não senti isso. Como eu te disse nessa escola, eu senti uma inteiração boa entre colegas, mas eu já ouvi vários relatos de professores que já atuam há mais tempo na área e disseram que o meio é muito...Eles tem muita dificuldade de relacionamento entre eles, que os professores são muito...assim tipo um querendo prejudicar o outro, não tem aquela interação ... se um fez um curso, tem aquela troca, não, é um querendo passar o outro pra trás, de alguma forma. Em todos os relatos de professores antigos eles abordam essa questão.

Nessa sua experiência de aula você teve alguma dificuldade de relacionamento com alunos e pais de alunos?
- Eu não tive problema com os alunos, mas eu tive alunos problemas na sala que eu substituí, eu tive dois alunos com problemas sérios, mas como foi pouco tempo não deu pra eu ir a fundo pra saber...conhecer a família daquele aluno, saber o porquê daquele problema, não deu tempo.

Como você vê o trabalho do professor na atualidade?
- Eu vejo um trabalho assim bem difícil, pouco remunerado, eu acho que isso que faz com que tenha tantos problemas entre classe, porque a auto-estima do profissional tá lá embaixo, ele não tem valor, é um trabalho estressante, é um trabalho que exige muito do profissional, porem ela não é bem remunerado, então a auto-estima do professor tá lá em baixo.

Como você vê seu trabalho em sala de aula? Que dificuldades você tem encontrado?
- O que eu encontrei em sala de aula foi...faltou o apoio da outra professora né, eu fui chamada assim de última hora cheguei lá, sem pegar material, sem nada já tive que ir na sala naquela hora, sem estar preparada. Então eu tive que me virar nos trinta (riso) pegar o material e começar a dar aula, sem preparar, sem planejamento é muito difícil. Então foi assim, eu achei muito difícil, aí na segunda semana eu já fui pegando o jeito e ainda tinha o problema que era 3ª série, nós fomos formados pra...ensino fundamental e médio...mas foi gostoso foi uma experiência muito boa porque eu nunca tinha trabalhado com criança, foi muito bom.

Neste período como professora, qual foi o momento mais complicado que você já passou?
- Foi no primeiro dia; a professora não estava lá, não foi companheira de passar o material pra mim, falar em que ponto eles estavam pra eu dar continuidade no trabalho dela, eu cai de pára-quedas lá, sem material sem saber onde os alunos estavam, em que ponto que eles estavam nas matérias. Eu tive que ir conhecendo a turma, era pouco tempo pra trabalhar com eles mas da segunda semana em diante foi bom que eu comecei a conhecer a cada um deles e ver a dificuldade de cada um, foi muito legal

Que recursos você utiliza para superar as dificuldades encontradas?
- A coordenadora foi muito companheira, muito amiga começou me ajudando pegando material e nós fomos na biblioteca e juntas, nós começamos a ver...peguei o planejamento também, pra estar me orientando, é ela foi colaborou muito comigo durante esse período.

Entrevista P2

Quanto tempo você tem de carreira?
- 3 anos

Você é contratada ou efetiva?
- contratada

Você tem encontrado dificuldades para conseguir aula? porque?
- Com certeza a quantidade de letrados no município é muito grande, então está ai a dificuldade de conseguir, e quando a gente consegue nem sempre é na área muitas vezes você consegue fora da sua área.

Você teve alguma dificuldade inicial de relacionamento com administradores da escola? Quais?
- Não, acredito que o único problema na escola e que não seja só meu é a questão da atribuição de aula mesmo, em si, como funciona? Quem, quem beneficiar? Porque são muitos professores, muita gente querendo aula, muita gente formada já,

cada um na sua área, mas não sobra, na sua área, você tem que pegar isso, se você é formada em português, você vai dar aula de história, você vai dar aula de geografia, se você tem matemática você vai dar aula de outra coisa que não seja sua área, eu acho, acredito que o principal problema seja esse da escola.

Como é seu relacionamento com outros professores da escola?
-Excelente, excelente, graças a Deus (riso)

Em algum momento sentiu-se constrangida de alguma forma por colegas com mais tempo de profissão?
- Com certeza. É o que acontece dentro da escola. As pessoas tem a idéia de que por estar mais tempo ou ter mais experiência, a experiência do outro que está chegando agora que é novo, que ta cheio de idéia nova, não é interessante, as pessoas estão bitoladas ao que elas viram lá no passado. Aquilo que elas aprenderam lá e acabou. Elas não estão abertas a mudanças. As coisas estão... As tecnologias, você sair do quadro, você parar de trabalhar com giz ler, ir passando e falando. Elas estão acostumadas a trabalhar dessa forma e é mais complicado pra gente que esta chegando trabalhar de uma forma mais,... mais tranqüila, mais do sair fora da sala, você ir pra uma aula de campo é mais complicando, eles não vêem com bons olhos.

Teve alguma dificuldade de relacionamento com alunos e pais de alunos?
- Com alunos, acho que todo professor encontra uma ou outra dificuldade, geralmente o aluno vem de casa com problemas, e aí o professor não é só professor aquele da sala de aula. Ele é pai, ele mãe, ele é médico, ele é enfermeiro, é ele é psicólogo, ele é amigo... Então a gente, geralmente encontra dificuldade sim.

Como você vê o trabalho do professor na atualidade?
- Ta complicado porque falta, curso, falta preparação, nós estamos aí com a proposta da educação inclusiva. E até mesmo eu, que sou formada em educação inclusiva, minha pós é em educação inclusiva, tenho dificuldade. O tempo em que eu estudei, esse um ano e meio que eu fiz de pós-graduação não me deu sustentação pra isso. Então o que acontece é que eles exigem do professor, exigem que o professor trabalhe com a criança que tem problema, o deficiente, não só o deficiente, alguém que tem alguma deficiência, mas o aluno que é um aluno problema, vamos dizer assim; que tem problema em casa, que trás isso para a escola. Nós não temos cursos, nós não temos preparação, nós não temos aperfeiçoamento, nós não temos reciclagem, nós não temos nada. Falta isso nas escolas, falta isso com os professores, falta atualizar é a vida do professor, atualizar em termo de estudo, pro professor. Falta um alicerce, falta uma sustentação acredito do governo, que dê cursos, que faça eventos, que inclua o professor que o professor está ficando excluído, ficando pra trás do tempo, as coisas estão avançando e o professor está ficando lá atrás.

Como você vê o seu trabalho em sala de aula? Que dificuldades você tem encontrado?
- Eu acredito que todo professor que está em sala de aula tenta fazer o melhor. A minha maior dificuldade, eu trabalho com artes, vem deles mesmos, os próprios alunos tem uma barreira com isso, você pede. Eles querem uma aula diferente, eles exigem de você uma aula diferente que você dê seus pulos pra dar uma aula

diferente, sair do quadro, sair da sala de aula, mas eles mesmos não ajudam. Eles não trazem material, eles não têm interesse, o interesse deles é até partirem para um lugar, fora da sala. Para um outro lugar, conseguir que o professor vá e depois disso, eles não querem participar mais, muitas vezes o maior empecilho ta aí, entre eles mesmos quando eu trabalho artes né! A maior dificuldade é essa mesma, eles não participarem, eles não querem, eles reclamam, mas não fazem.

Então nesse momento você esta atuando fora da sua área?
- Fora da minha área, que seria português e inglês a minha habilitação, e eu trabalho com artes foi o que sobrou na escola. (riso)

Neste período como professora, qual foi o momento mais complicado que você já passou?
- O momento mais complicado que é quando você vê a situação do aluno e você não pode fazer nada. Porque quando você entra na sala, você já sabe quem é quem, você bate o olho no aluno, você já sabe quem é o aluno. E aconteceram casos de ver que o aluno tem interesse era um aluno que tem vontade, mas o que desestimulava ele era a família. Chega em casa é violência, chega em casa é falta de dinheiro, chega em casa é pai alcoólatra que espanca filho, que espanca pai, que espanca mãe que espanca todo mundo. Eu acho que o maior problema eu digo, a maior dificuldade que eu vi, foi isso acontecer e você ficar de mãos e pés atados. Você tenta ajudar e não tem como ajudar, você não tem como tirar a criança dessa situação.

Que recursos você utilizou para superar as dificuldades encontradas?
- Tentei conversar com o aluno, tentei encaminhar para a direção tentando fazer um trabalho com a criança, conversar, tentar estimular a criança a vir pra escola, estudar, participar. Tentar chamar a família pra escola, porque não basta trazer o aluno você tem que trazer a família pra escola pra participar disso. As coisas têm caminhado, por enquanto.

Durante esse tempo de atuação na educação você sentiu algum desconforto físico ou mental devido a sobrecarga?
- Com certeza! Todos os professores têm, porque, eu trabalho os três períodos pra completar a carga horária.

Entrevista P3

Quanto tempo você tem de carreira?
- Atuo na educação desde 98, não com muita freqüência e há dois anos estou contratada nessa escola.

Você tem encontrado dificuldade para conseguir aula? por quê?
- A dificuldade o interino sempre encontra, é devido a falta de pontuação, muitas vezes não é a pontuação almejada pra que consiga esse espaço, mas até aqui tenho conseguido, graças a Deus

Você teve alguma dificuldade inicial de relacionamento com administradores da escola? Quais?
- Não! No momento eu não me recordo de nenhuma. Até porque procuro sempre me dar bem com todos eles, ah; só assim serei capaz de fazer um bom trabalho.

Como é seu relacionamento com os outros professores da escola?
- O melhor possível. Procuro sempre estar ciente dos acontecimentos dessa instituição, da qual faço parte bem como de todos, ligados a esse segmento.

Em algum momento sentiu-se constrangida de alguma forma por colegas com mais tempo de profissão?
- Não, até porque esse meu jeito extrovertido me dá uma base muito boa pra lidar em todas as situações. Sempre sobressaio.

Teve alguma dificuldade de relacionamento com alunos e pais de alunos?
- A dificuldade, é de repente, ela se torna muito comum na educação, ou seja, em sala, até porque surgem casos que necessitamos da presença dos pais e nem sempre somos atendidos. O aluno muitas vezes prefere mudar de turma a trazer seus pais em sala pra saber o fato ocorrido.

Como você vê o trabalho do professor na atualidade?
- Eu vejo esse trabalho um trabalho árduo, mas não vejo com impossível.As dificuldades, sempre surgem ela vem para nosso amadurecimento pra nossas realizações porque tudo que é fácil, não é tão valorizado. E pra quem gosta, assim como eu, eu tenho que passar por essa etapa. Se não qual o sentido?

Como você vê o seu trabalho em sala de aula? Que dificuldades você tem encontrado?
- Eu vejo, eu diria que coerente de reconhecimento por parte dos alunos. Não generalizando, mas todos os colegas de trabalho sempre falam, comentam em pequenos grupos, que as dificuldades são sempre as mesmas, é o professor prepar com todo carinho do mundo aquele conteúdo pra ser transmitido pros alunos, porque não somos educadores de uma forma apenas, nós somos também transmissores de conhecimento. Aquilo que nós preparamos, pra que seja explanado em sala de aula dificilmente, é o feito com 100% de aproveitamento, tem a minoria que aproveita e a maioria leva na brincadeira, e isso é muito triste.

Neste período como professora, qual foi o momento mais complicado que você já passou?
- Isso aconteceu recentemente, um probleminha de saúde o qual me impossibilitou de fazer as correções textuais, escrever na lousa, é um problema visual por sinal o qual já foi sanado e... eu procuro agora, buscar...essa, essa recompensa, esse finalzinho de ano, mas além desse problema é enfrentarmos também o dia-a-dia, eu diria, eu enfrento no dia-a-dia é a dificuldade em fazer o aluno voltar-se totalmente pra aquilo que está sendo falado em sala. Geralmente os assuntos exteriores da sala eles valorizam muito mais, então a falta de interesse no momento é o maior problema.

Que recursos você utiliza para superar as dificuldades encontradas?
- O diálogo! O que o diálogo não resolve dificilmente encontramos outro meio.

Durante esse tempo de atuação na educação você sentiu algum desconforto físico ou mental devido à sobrecarga?
- Não me acho uma pessoa sobrecarregada naquilo que faço, eu sempre o faço com muito carinho, com muita dedicação, até porque estou fazendo o que gosto né. e essa sobrecarga eu diria que mental, é devido a tantas respostas anteriores quando refiro a falta de vontade dos alunos. Isso sim! É um cansaço, tanto físico quanto mental. *Você bater sempre na mesma tecla, você procurar estar passando sempre a mesma coisa, e não ser ouvida com aquela expectativa que você cria.*

Entrevista 4

Quanto tempo você tem de carreira?
- Com as substituições e a pós-graduação, tenho em torno de 4 anos.

Você é contratada ou efetiva?
- Contratada, infelizmente contratada.

Você tem encontrado dificuldades para conseguir aula? Porque?
- Nossa e como, acho que todos os contratados, primeiramente a questão da pontuação o tempo de serviço e porque dentro de Pontes e Lacerda, os letrados, é briga de foice. Você se sente numa guerra no dia de atribuição de aula, você sente medo, você sente calafrios é insegurança total. Ali é a lei do mais forte quem tem mais pontos ganha.

Você teve alguma dificuldade inicial de relacionamento na escola? Quais?
- Ah! Como, eu trabalhei numa escola na qual a coordenação não aceitava os meus métodos, porque você sai com uma cabeça jovem da faculdade, e quando você entra numa instituição que já tem o tradicionalismo eles não aceitam. Eu fui rejeitada, em termos só que eu nunca deixei que isso me afetasse. E os alunos gostavam do meu método quem não gostava era a coordenadora que era totalmente tradicional ela não aceitava a relação de inclusão professor/ aluno ela queria que fosse professor e aluno não professor com aluno e a minha relação com os alunos era ótima, mas a coordenação a gente não se topava muito, mas jamais deixei que isso afetasse meu trabalho, sempre lá brigando com ela em defesa de minha pessoa e defendendo os alunos porque era absurdo o que acontecia lá dentro.

Como é o seu relacionamento com outros professores da escola?
- Olha, a primeiro momento é um impasse muito grande principalmente com os efetivos, eles acham que o interino por mais que seja graduado, pós-graduado ele não tem a capacidade de exercer a função. Te olha com outros olhos, há rejeição até na hora da gente... na semana pedagógica e a hora que a gente vai fazer o planejamento escolar, quem fala são só os efetivos, como se eles fossem os donos da palavra a sua idéia não é aceita, se você tem uma idéia renovadora eles não aceitam, tem que seguir as regras que eles trazem de anos,... ensinar que 2 + 2 é 4 e não tem outro método diferente de brincadeira pra ensinar, é complicado, é muito complicado, esse ano eu to numa segunda série houve um impasse muito grande

mais dentro de minha área que é a Língua Portuguesa eu trabalho da minha forma, não estou nem aí com os efetivos não, sou mais eu e pronto.

Em algum momento sentiu-se constrangida de alguma forma por colegas com mais tempo de profissão?
- Fiquei constrangida, mas não deixei que isso me abalasse e nem deixei que eles soubessem que eu estava constrangida. É como ou disse eu sou mais eu e pronto não tem aí com a birosca não. (riso)

Teve alguma dificuldade de relacionamento com alunos e pais de alunos?
- Nunca, jamais, pra mim aluno é filho principalmente amigo. E os pais de alunos vêem na minha pessoa aquela professora amiga, já tive problema com coordenador, mas com pais e alunos não, jamais tomara, que não tenha.

Como você vê o trabalho do professor na atualidade?
- Olha... há muitas teorias em cima da educação, eu acredito que muitas escolas e muitos professores não estão preparados pra poder colocar isso em prática, há muitas teorias e belas teorias, mas nós não estamos preparados pra isso ainda. Eu acredito que a escola hoje, ela dá tudo, ela é escola, ela é família, ela é hospital, porque tudo gira ali... a escola hoje como é que eu posso dizer, atribuímos pra ela, muitos papéis e talvez esqueceram um pouquinho da educação e onde tem professores que não estão preparados se não estudar não tem como. Tem muitas teorias, mais pouca preparação pra prática.

Como você vê o seu trabalho em sala de aula? Que dificuldades você tem encontrado?
- Bom, meu trabalho em sala de aula eu tento fazer o melhor que eu posso, procuro nunca ficar no tradicionalismo, que nem uma interpretação de texto nunca pega um texto, trabalhar música se são adolescentes eu procuro trabalhar músicas que eles gostam que nem eu, estou numa sexta série que estão na fase do rock então vamos trabalhar o hepe, vamos trabalhar o rock nacional que fala muito da desigualdade social. Eu procuro trabalhar com os alunos a atualidade, se eu for trabalhar com eles uma música, de Caetano Veloso eu não vou ter êxito nenhum no meu trabalho. Agora você trabalhar o Gabriel Pensador, trabalhar outros grupos, tenho certeza que o meu trabalho vai ter êxito, por que eles vão estar envolvidos naquilo que eles já conhecem. A atualidade que eles escutam em casa, as vezes eles mesmos trazem de casa os cds pra gente trabalhar dentro de sala de aula isso é muito gratificante você vê um interesse do aluno. E há essa interação entre a professora e os alunos.

Neste período como professora qual foi o momento mais complicado que você já passou?
- Mais complicado? Pra mim o momento mais complicado não é em sala de aula, porque o professor tem que ter domínio da sala. O momento mais complicado pra mim é a atribuição de aula é a insegurança, se você vai ter a sua sala ou se você vai ficar fora do mercado de trabalho, pra mim a maior dificuldade é essa que começa no mês de dezembro com a finalização do 4º bimestre, esse é o pior, mas questão de sala de aula não. Porque eu gosto do que eu faço então eu não vejo dificuldade, mas agora dificuldade de atribuição, muita, acho que não só eu mas quase todo professor interino independente da área

Que recursos você utiliza pra superar as dificuldades encontradas?
- Bom, dentro da Língua Portuguesa eu procuro primeiramente conhecer o aluno, principalmente aquele aluno que não é nota 10, aquele aluno que o professor rejeita. Ah, fulano, não sai de 4, fulano não consegue tirar a média. Algum problema ele tem. Eu já tive um aluno que nunca foi bem em português, e um dia na hora do lanche, colocaram um som ele começou a dançar e começou a interpretar a música em forma de teatro eu peguei esse aluno e comecei a trabalhar gramática dentro do teatro e música, esse aluno de 3, 4, ele começou a passar pra 6, 7, no final do ano a média do quarto bimestre dele foi 8,5 aquilo pra mim foi uma vitória. Acho que nem ele ficou tão feliz com aquela vitória como eu fiquei porque eu encontrei um método, que ele sem perceber tava aprendendo gramática. Por exemplo, trabalhar o objeto direto dentro de um caderno pra ele, ele não conseguia, mas através de uma interpretação, numa brincadeira de achar o objeto direto, indireto, seja o substantivo, ele conseguia porque ele se via envolvido através da música e teatro e onde ele ajudava os outros colegas também que tinha dificuldades em perceber. Depois dum primeiro texto que eu fiz com ele fiz com que ele não percebesse que estava aprendendo a gramática de uma forma oculta pra ele, depois eu falei, fulano, você viu que você aprendeu tal e tal coisa assim esse bimestre?- aprendi professora? – eu falei você não percebeu que você aprendeu? Daí eu fiz um texto com ele com um texto que era pra achar algumas normas de gramática. Isso significa que eu trabalhei a deficiência que ele tinha aproveitando o que ele dominava, as inteligências múltiplas que cada um tem. Agora a questão que muitos professores reclamam é a questão da falta de educação, que os alunos têm hoje, isso devido a um histórico familiar, social. Eu procuro ser amiga. Eu procuro me aproximar sempre daquele aluno com mais problema, agora o aluno nota dez precisa da minha atenção, mas aquele aluno que dá tapa na cabeça de um, que briga com professor, aquele lá tem problema, algum problema e eu enquanto educadora, principalmente enquanto educadora, tenho a função de tentar ajudá-lo, pelo menos tentar inserir, inclui-lo numa sociedade mais...não sei se a palavra certa seria digna, não sei, mas pra eu tentar fazer com que ele se sinta aceito, que adianta ele ter uma família sem estrutura, chega na escola os professores ... o sujeito vive na coordenação. Aluno que não respeita professor, ele quer ser respeitado, ele vai respeitar a a partir do momento que ele for respeitado. Se ele for excluído ele vai excluir quem está querendo excluir ele também. A partir do momento que você respeita você também tem o respeito. E, já aconteceu comigo, o aluno que só faltava dar paulada na cabeça de professor, faltava tirar professor da sala, que hoje é amigo, consegui despertar nele a amizade e um respeito. Hoje é meu amigo onde a gente se vê, a gente conversa, porque eu consegui chegar nele de uma forma sem que ele percebesse, de respeitar, aceitar, através dessa aceitação eu fiz com que ele mudasse um pouquinho. Eu até brincava com ele falava assim: Oh! Meu rei, porque você não trata todos os professores que nem você me trata? Aí eu lembro que ... isso foi muito marcante prá mim, ele disse professora é que eles não me tratam como a senhora me trata..

Como assim nego? Ele falou assim: professora, eles me vêem como um Zé ninguém e eu não sou um Zé ninguém. Eu até fico emocionada, aquilo prá mim foi muito forte. É como se ele fosse só mais um na sociedade. Que tava ali só pra ocupar mais uma carteira e não era o que ele queria ele queria carinho, ele queria uma pessoa que sentasse perto dele, e conversasse como amiga. Eu consegui fazer com que ele virasse meu aluno e amigo. (aprofessora se emociona muito com esse relato).

Durante esse tempo de atuação na educação você sentiu algum desconforto físico ou mental devido à sobrecarga?

- Olha, confesso pra você que o primeiro ano que não foi 2005, mas nesse ano eu senti... hoje no final do ano eu estou sentindo, fisicamente não mas mentalmente, que tem dia que eu tenho três períodos matutino, vespertino e noturno, não são todos os dias, eu tenho aula todos os dias à tarde mas tem dia que coincide os três períodos. *Eu vou te confessar precisa de um pó de guaraná, você precisa de um anti stress porque o seu rendimento não é 10 se eu colocar pra você 7,5 eu estou sendo* boazinha estou sendo otimista porque devido o financeiro o professor se sobrecarrega, o que ele pode pegar ele pega. Se pintou uma aula tal, estou pegando porque estou precisando pagar prestação de alguma coisa, o aluguel está atrasado. Muitas vezes a gente se torna até injusta com os alunos de ficar pegando muitas aulas. Quando sobra" porque o interino pega quando sobra. Mas é devido ao salário que é pouco e ele tenta complementar com alguma aula que vai pintando. E esse ano eu estou desde o início do ano com trinta horas à tarde no município e tenho algumas aulas do estado que pega matutino e noturno. Só que sobrecarrega demais, demais, demais, não é da minha área, é uma segunda série, confesso pra você que me sinto muito insegura. Muito insegura porque você não está preparada, corri atrás, fui atrás de pedagogo, ah! graças a Deus eu tenho boa relação com professores que me ajudaram bastante (risos) eu acho que fiz até um laboratório antes porque eu fiquei sabendo que eu ia pegar uma 2ª série e procurei muitos professores pra poder me ajudar. Eu não entrei assim com a cara e com a coragem claro, mas eu não entrei crua, porque estudei bastante pra poder dar aulas e as crianças por incrível que pareça elas sugam você de uma forma incrível. Eu admiro quem alfabetiza é uma tarefa árdua, meu Deus do céu. Acredito que... não é menosprezando nós letrados mas o pedagogo principalmente na alfabetização eu admiro. Tenho meu filho que hoje faz a primeira série mas ele foi muito bem alfabetizado por até não sei se eu posso citar que é a Luzis Botini, pra mim eu tiro o chapéu pra ela, meu filho saiu da alfabetização lendo, escrevendo e interpretando de uma forma que ... muitas crianças não conseguem, uma criança na terceira série o que ele faz devido o que? Ao esforço dela e obviamente dele também mas eu admiro muito. Eu não sei se teria capacidade para poder pegar alfabetização e muitos professores pegam por causa do salário e não pensam na criança que ta ali sendo massacrada é vamos brincar...eu brinco de ensinar e vocês brincam de aprender. E muitas vezes acontece devido a falta do trabalho, a falta da Língua Portuguesa, o inglês, a Literatura que já está saturado pra nós. Agora falando um pouquinho da minha experiência, do meu primeiro ano te confesso que eu que eu tive sorte graças a Deus ter conseguido pegar sala de aula, comecei a partir de maio, pegue uma substituição até o final do ano.fui feliz, eu dei aula na Ovídio que é uma escola da zona rural na Triângulo. Acordava todo dia 5:30 da manhã pra poder tomar banho e ir pro ponto esperar a Van me pegar, às 6:30 ela passava, saia da triângulo 11 horas sendo que já tinha de sair de um e entrar no micro que passava no caso 12:15 pra gente poder ir pra Cirila. Foi uma experiência maravilhosa. Ah" tive dificuldades com coordenadores,uma coordenadora em específico mas prá mim foi uma experiência muito jóia, é cansativo, era muito, cansativo fisicamente, engraçado que o físico pesou mais pra mim do que a mente. Acredito que você ta na sua área você já tem todo aquele domínio, não que você não tenha que estudar, pelo contrário, você não vai entrar numa sala de aula sem ter planejado sua aula mas fisicamente o ano passado pesou mais, esse ano o mental está me pesando é

